

ALÉM DO BRANCO: aprecie as flores coloridas do COPO-DE-LEITE

Paisagismo
& Jardinagem



Paisagismo & Jardinagem

www.casadois.com.br
ISSN 1518-0646
Nº 73
R\$ 9,90
€ 2,80
7 3
9 771518 064600

**RAUL
PEREIRA**

O ARQUITETO PAISAGISTA
REVELA OS DIFERENCIAIS
DE SEU TRABALHO

**ESTIMULE
OS SENTIDOS**

PROFISSIONAIS MOSTRAM
OS RECURSOS PARA CRIAR
UM JARDIM SENSORIAL

**Campos
Sulinos**

CONHEÇA AS RIQUEZAS DE
SUA FLORA E AS AMEAÇAS
PARA SUA PRESERVAÇÃO

**PARQUE DO
FLAMENGO**

PROJETO DE BURLE MARX
CORRE RISCO DE SER
DESCARACTERIZADO

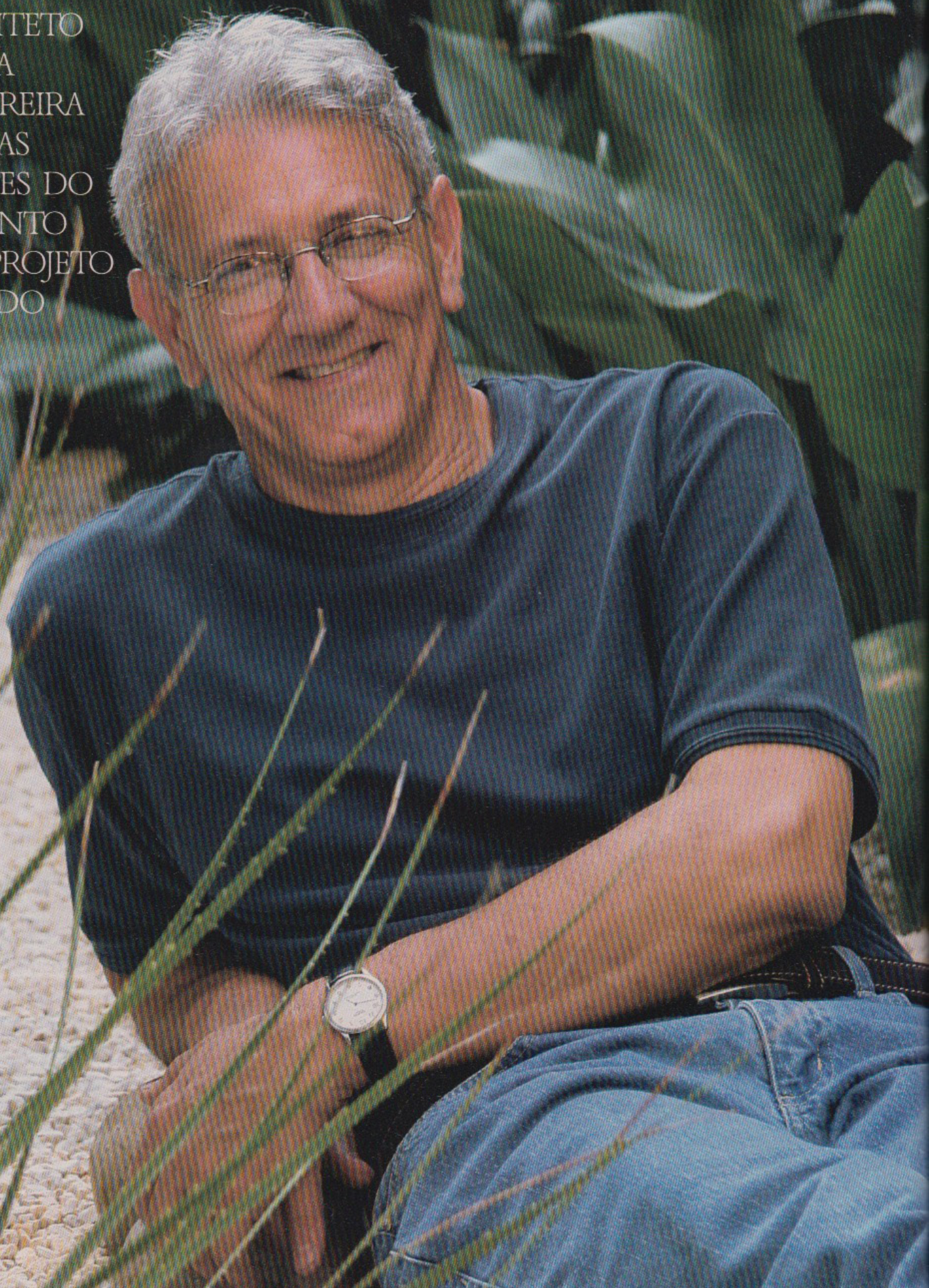
25ª EXPOFLORA

CONFIRA AS NOVIDADES DA MAIOR
FESTA DE FLORES DA AMÉRICA LATINA

Artista nato

O ARQUITETO
PAISAGISTA
RAUL PEREIRA
MOSTRA AS
VERTENTES DO
SEU TALENTO
A CADA PROJETO
EXECUTADO

Texto Fernando Inocente
Fotos Evelyn Müller



Parques e praças públicas, projetos institucionais e residenciais, recuperação de áreas degradadas, arborização urbana e de rodovias e eco-pedagogia são alguns dos segmentos em que o arquiteto paisagista Raul Pereira atua.

Natural de Presidente Venceslau, SP, a paixão pelas plantas é herança de sua mãe, que cuidava com bastante apreço do jardim do quintal da residência. “Meu pai também teve um papel fundamental nessa aproximação com a natureza, pois nos levava para nadar e pescar nas águas límpidas do Rio Paraná, nos fins de semana.”

Nesta época, segundo ele, ainda existiam áreas remanescentes de florestas nativas, o que proporcionava o contato direto com perobas (*Paratecoma peroba*), ipês (*Tabebuia chrysotricha*), jequitibás (*Cariniana estrellensis*), entre outras árvores.

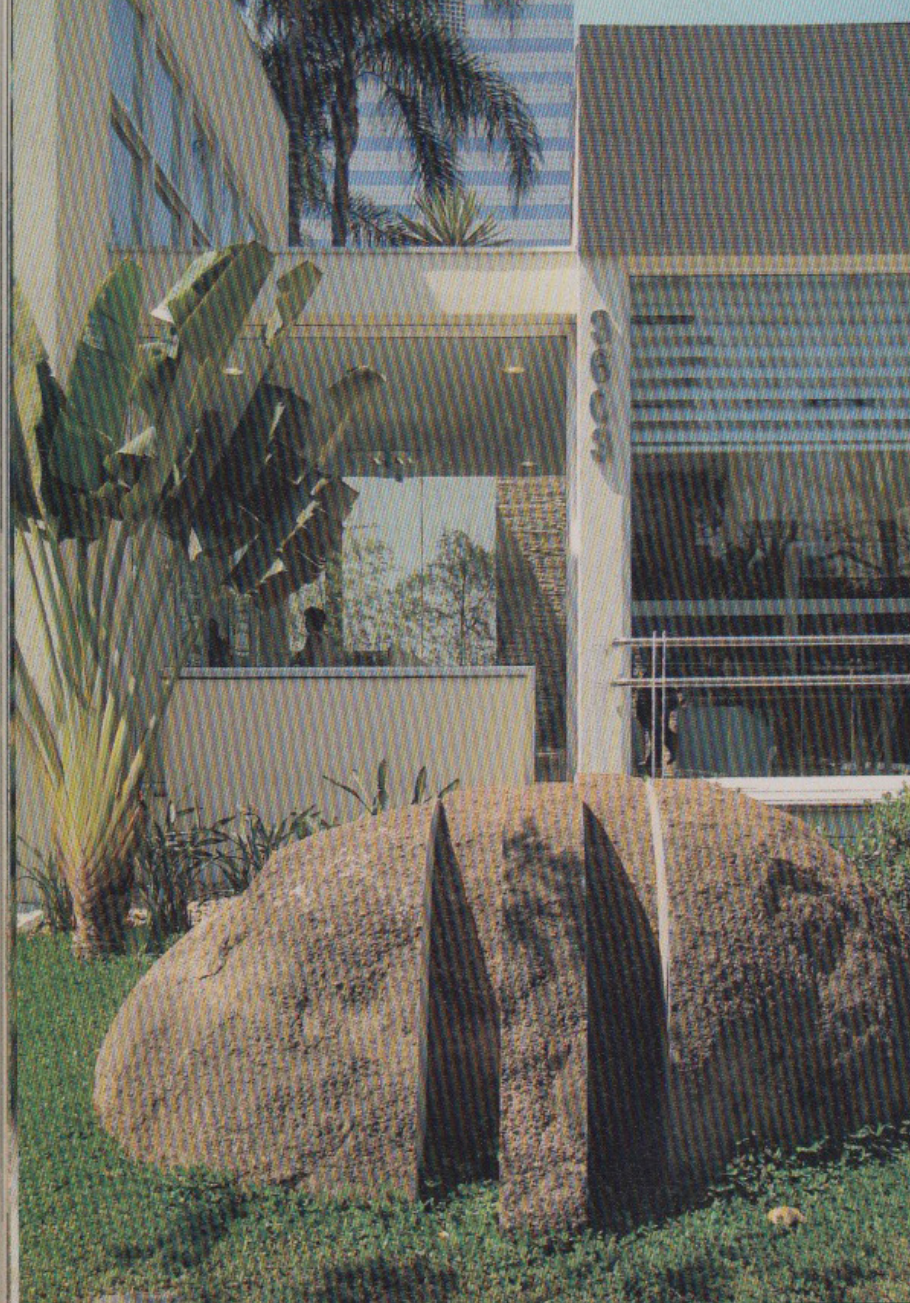
Terceiro filho dos quatro irmãos (dois homens e duas mulheres), Pereira conta que teve uma infância bastante feliz em sua cidade natal, onde viveu até os

17 anos, partindo para São Paulo. “Desconhecia totalmente o que era um *playground*. Meus amigos e eu brincávamos por toda a cidade, onde a percorríamos ‘de cabo a rabo’, e tínhamos um domínio subjetivo e geográfico de nosso pequeno mundo”, diz.

Pereira conta que sua relação com os seus pais sempre foi muito próxima. O pai, Manoel, é um homem de muitos ofícios. Trabalhou na lavoura, no comércio e com o beneficiamento da madeira, quando adquiriu uma serraria. “Minha mãe, Noêmia, é uma autêntica dona de casa, pois, além de cuidar da casa e dos afazeres domésticos, nos ensinava a cantar nos programas de rádio de domingo.” De acordo com ele, sua mãe sempre o incentivou a trabalhar no campo das artes, tanto que até os 20 anos pintava e desenhava paisagens rurais e figuras humanas quase que compulsivamente. “Era fascinado por Guignard, pelas marinhas de Pancetti e por Cézanne, Van Gogh, Renoir e Monet. Minha veia artística devo a ela, sem dúvida”, afirma.



Divulgado / Acesso Raul Pereira



Divulgação / Acervo Raul Pereira

Ao chegar à grande metrópole para cursar o ensino médio, ocorreu por São Paulo o que muitos chamam de “amor à primeira vista”. “Ainda estudante conheci a minha ex-esposa, a Lila, que é socióloga. Dessa união nasceu o nosso filho, Daniel, que é músico.”

Momentos diferentes

O arquiteto paisagista revela que passou pela adolescência sem maiores percalços, apesar do comportamento tranquilo e questionador andarem sempre juntos. Segundo ele, apesar de gostar de cantar, não era muito fã das aulas de música, pelo fato de serem burocráticas e autoritárias.

A paixão pela literatura foi herdada do pai, um autodidata que possui uma das maiores bibliotecas privadas da cidade. “Minha imaginação viajava com os contos de Monteiro Lobato, cuja coleção completa eu lia e relia”, comenta.

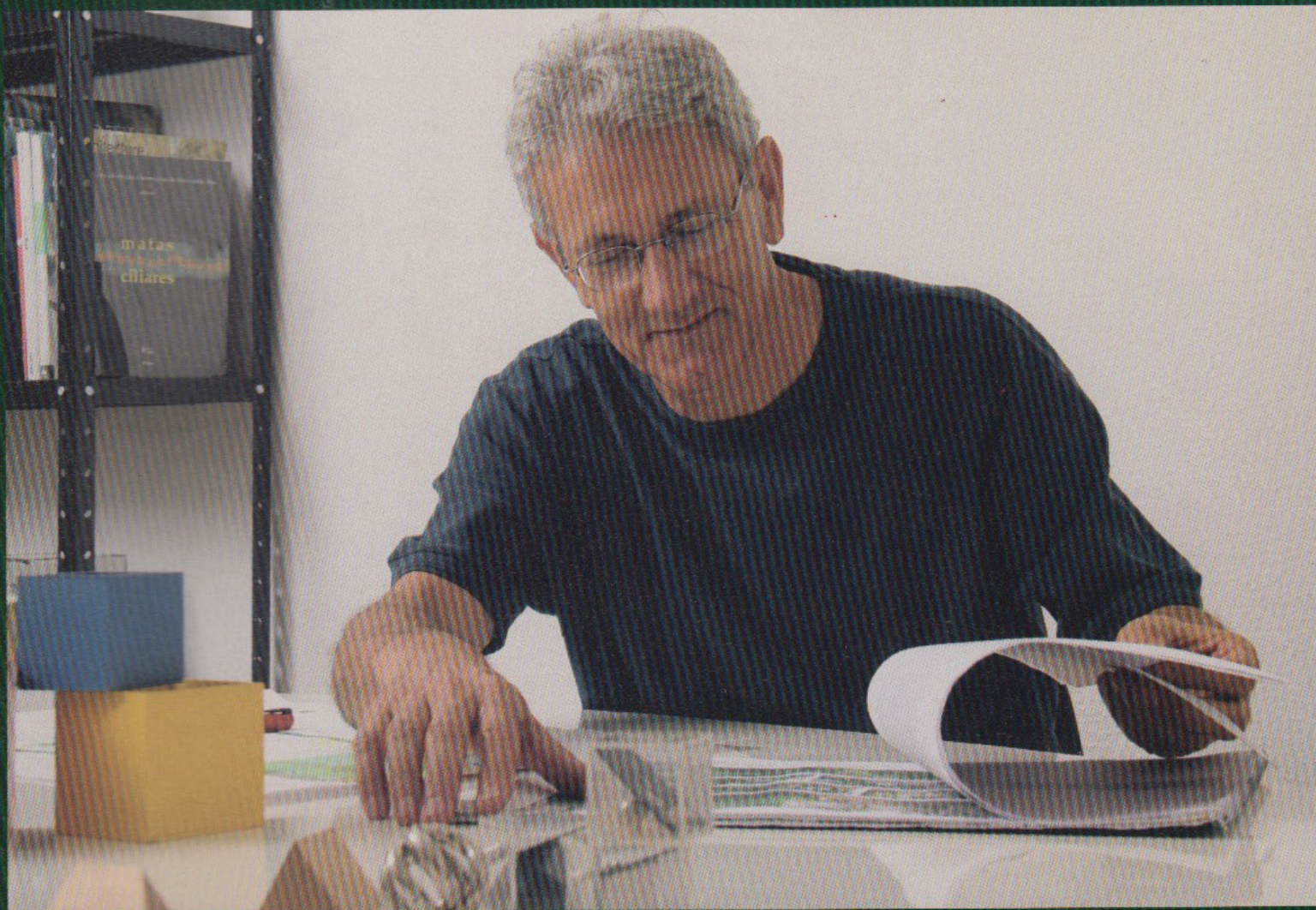
Dentre os esportes que praticava nesta época, futebol e natação eram alguns deles, sendo que pelo último tinha uma predileção maior. “Para namorar, Presidente Veneslau oferecia o Cine Bandeirantes, o *footing* da praça e os terrenos baldios. Passei a minha infância e adolescência sem ver televisão.”

Em 1969, entrou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), concluindo o curso em 1975. Ele explica que durante esses anos de estudo, seu maior interesse era pela arquitetura, artes gráficas e história da arte, tanto que, assim que se formou, começou a trabalhar com isso. “Minha entrada no paisagismo se deu meio que por acaso. Fazia parte de um grupo de profissionais liberais, a maioria da USP, formado por um filósofo, um historiador, uma arquiteta e um cientista social. Apesar das áreas distintas, resolvemos criar um escritório de projeto e execução de paisagismo”, lembra.

De acordo com Pereira, um fato primordial para sua carreira foi a oportunidade de ter executado jardins para Fernando Magalhães Chacel, Sidney Linhares, Rosa Kliass, Luciano Fiaschi, Miranda Magnoli, Benedito Abud, Koiti Mori, entre outros profissionais de renome. Ele relata que esta prática suscitava uma investigação teórica por meio de livros, cursos, palestras, excursões, visitas a parques, praças e viveiros. “Fiz alguns cursos rápidos de botânica, de matas ciliares e de ecossistemas costeiros na Faculdade de Botânica da USP e sobre velósias, com a botânica Nanuza Menezes. Por isso, acredito que minha formação foi na ‘raça’.”



Divulgação / Acervo Raul Pereira

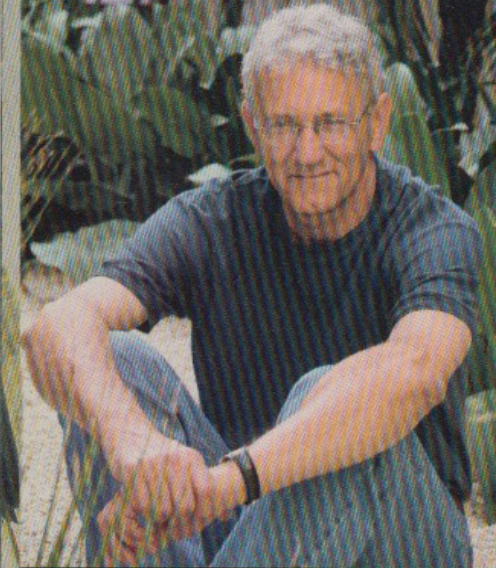


“Meu sonho é realizar projetos públicos, institucionais ou mesmo privados, de uso coletivo, que consigam contemplar o máximo de soluções de baixo impacto energético, utilizando energias limpas, que tenham a arte como um dos elementos estruturantes”

Para o profissional, a formação do paisagista no Brasil ainda é uma questão mal resolvida. Ele afirma que excetuando algumas instituições de ensino, onde há um aprofundamento e um corpo docente maior, grande parte das faculdades ainda não considera o paisagismo como algo importante e fundamental. “Ele ainda é muito associado exclusivamente à vegetação e, apesar do verde constituir, na maioria das vezes, um dos elementos mais importantes da nossa profissão, o paisagismo é muito mais amplo e complexo, pois exige a participação de profissionais de diferentes segmentos”, comenta Pereira, que teve grande influência de paisagistas californianos e do mestre Roberto Burle Marx, principalmente. “Ele soube como ninguém trazer ao espaço urbano a riqueza de nossa flora nativa, associa-

da a uma linguagem modernista, aplicando o abstrato de suas pinturas e esculturas aos seus projetos.”

O primeiro projeto paisagístico realizado pelo escritório de Pereira foi em 1977, em um edifício no bairro do Itaim, em São Paulo, SP. “Um amigo nosso, que é arquiteto, teve a ‘coragem’ de nos convidar. Fizemos tudo, do projeto à execução, e eu nunca havia feito um jardim na minha vida”, entrega, aos risos. Ele relata que foram noites e noites de muito estudo e pesquisa até que colocaram as ferramentas em um Opala e foram os cinco sócios, “fantasiados” de jardineiros, executar o jardim. “Felizmente deu tudo certo, mas há muito tempo que não passo por lá e creio que deve estar bastante modificado. Vegetação é um elemento facilmente alterável, principalmente os estratos arbustivos.”



Mercado

Com 30 anos de carreira e cerca de 1,2 mil projetos no currículo, Raul Pereira, talvez por excesso de modéstia, revela que não sabe se o seu nome está consolidado. “Na verdade nunca tive condições de aferir. Acredito que minha inserção no mercado ocorra

em alguns segmentos específicos”, diz.

Em 2005 participou do Casa Cor São Paulo, a convite do arquiteto Pedro Mendes da Rocha, com quem gosta muito de trabalhar. Pereira conta que o projeto consistiu em elaborar o “Jardim da Fábrica”, área destinada à entrada da exposição no ano passado, cujas varandas foram ambientadas com os móveis do pai do arquiteto, Paulo Mendes da Rocha, e esculturas de artistas modernistas. “Era um projeto limpo e simples, que reforçava o caráter histórico de uma antiga fábrica e terminava em um espelho d’água, onde as águas, se mexendo, davam a impressão de um imenso barco em movimento.”

Para ele, familiaridade com a arte, com a arquitetura e o urbanismo, e conhecer o comportamento das plantas e do ecossistema em que atua, tendo a sensibi-

lidade para captar a história e a cultura das pessoas que habitam determinado local, compreendendo seus desejos e suas reais necessidades, são premissas básicas para ser um bom profissional.

Quanto ao estilo de seus jardins, o arquiteto paisagista confessa que é bastante difícil defini-lo, já que as obras se diferem e as linguagens variam conforme o contexto. De acordo com ele, quando se depara com um projeto, depois do programa de necessidades, não sossega enquanto não encontra a idéia que pretende mostrar e expressar. “Esse é um momento importante, pois uma vez escolhido o ponto de partida, a definição das plantas e dos elementos construtivos vêm quase como consequência. Um projeto tem sempre que contar uma história, e isso é o diferencial que pode emocionar a todos”, revela Pereira, ao explicar que muitos de seus trabalhos possuem uma estreita relação com artistas plásticos, escultores e ceramistas, onde o paisagismo atua como suporte das obras, como complemento das duas coisas.

Seus projetos mais recentes foram o Parque do Gato, parque público nas confluências do Rio Tietê e Tamanduaté, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, SP, Museu Rodin-Bahia, obra feita em intercâmbio com o governo francês, que disponibilizará 62 esculturas originais



Divulgação / Arquivo Raul Pereira

de Rodin, em gesso, Faculdade de Arquitetura da USP, da Rua Maranhão, em São Paulo, SP, e o Centro Cultural Bela Vista, no tradicional bairro do Bixiga, também na capital paulistana. “Minhas influências são as mais variadas possíveis. Para criar os projetos, retiro idéias de diferentes fontes, uma vez que o jardim quase sempre expressa aquilo que somos, pensamos e sonhamos, tanto para nós como para a sociedade.” Segundo ele, é por essa razão que busca por inspirações diferentes, como filósofos, educadores, artistas em geral e todas as pessoas com quem se relaciona diariamente.

Desrespeitar a sustentabilidade e o contexto social, com projetos que requerem muita energia, uso de plantas inadequadas para o ecossistema, que exigem muita manutenção e utilização de materiais insalubres e a “mania” atual dos jardins da moda, que usam meia dúzia de espécies, são os maiores absurdos que se cometem no paisagismo. “Moramos em um país que possui uma das maiores e mais belas biodiversidades do planeta, onde existem pelo menos 50 mil espécies vegetais. É possível criar belos jardins e, o melhor, com plantas adequadas ao seu ecossistema, o que, além de preservar a memória vegetal, produz economia de custos.”

Seus trabalhos estão concentrados fundamentalmente em São Paulo, tendo realizado alguns no Rio de Janeiro, Bahia, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco. A partir de 1992 passou a se dedicar somente aos projetos e à prestação de consultorias. “Meu escritório é composto por seis profissionais, sendo cinco arquitetos e um assistente administrativo. Dependendo do projeto, associo-me a outros escritórios e consultores”, explica o arquiteto paisagista, ao afirmar que o mercado potencial no Brasil é grande, principalmente no que se refere às áreas públicas, pois, de acordo com ele, existem poucos profissionais que se dedicam a este tipo de projeto. “Na prática, porém, o início de carreira não é fácil, uma vez que cresceu o número de profissionais atuando em diversos segmentos do paisagismo, especialmente com edifícios residenciais, comerciais e residências unifamiliares.” Segundo Pereira, não basta conhecer bambu-mossô (*Phyllostachys pubescens*), buxinho (*Buxus sempervirens*), algumas bromélias (*Bromeliaceae* spp) e folhear revistas estrangeiras. “O caminho é mais longo e árduo, porém fascinante e necessário”, enfatiza.



Divulgação / Acervo Rau Pereira

Particularidades

“Trabalho muito, além do que deveria, e não aconselho este ritmo a ninguém”, comenta o arquiteto paisagista que, apesar desta pequena “reclamação”, acumula ainda a tese de doutorado, também pela FAUUSP, na área de Paisagem e Ambiente, que concluirá no próximo mês, além de atuar na área de educação na Fundação para a Pesquisa Ambiental da Universidade de São Paulo (FUPAM/USP), e ser um dos coordenadores de um projeto de arte e educação ambiental, que abrange toda a rede pública do ensino municipal de Diadema, SP, chamado “Uma fruta no quintal”. “Meu sonho é realizar projetos públicos, institucionais ou mesmo privados, de uso coletivo, que consigam contemplar o máximo de soluções de baixo impacto energético, utilizando energias limpas, que tenham a arte como um dos elementos estruturantes”, revela o profissional de 59 anos, que cita o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro, RJ, como uma das maiores obras-primas de paisagismo que conhece.

Ultimamente seu maior exercício é a caminhada. “Há 20 anos não tenho carro por pura opção, apesar de ter aprendido a dirigir aos 13 anos. Porém, enfrentar esse trânsito caótico de São Paulo é complicado e, na verdade, nós é que acabamos carregando o carro, e não o contrário. Isso me obriga a ter uma relação mais direta com a cidade e, além disso, dou a minha pequena contribuição para reduzir o congestionamento e melhorar a qualidade do ar.”

Para ele, é uma pena que o sistema de transportes coletivos não seja tão eficaz. “Tenho sorte de chegar ao escritório em cinco minutos, pois moro perto do metrô. Tenho amigos que fazem o mesmo e já estou até pensando em criar uma comunidade no Orkut, que se chamará “Sem carro”, brinca.